



## SALÃO DE INICIAÇÃO CIENTÍFICA XXVIII SIC

paz no plural



<b>Evento</b>	Salão UFRGS 2016: SIC - XXVIII SALÃO DE INICIAÇÃO CIENTÍFICA DA UFRGS
<b>Ano</b>	2016
<b>Local</b>	Campus do Vale - UFRGS
<b>Título</b>	A virtualização da coisa na era da técnica
<b>Autor</b>	CAIO LICKS PIRES DE MIRANDA
<b>Orientador</b>	KATHRIN LERRER ROSENFELD

## **A virtualização da coisa na era da técnica**

Aluno: Caio Licks Pires de Miranda

Orientadora: Kathrin Lerrer Rosenfield

Instituição: UFRGS

Dez mil metros de viagem até um templo indiano tornados desnecessários por uma fotografia de valor irrisório. Dez mil escovas de dentes feitas do mesmo molde, vindas do mesmo lugar-nenhum, dentre as quais qualquer uma faz o mesmo trabalho. Dez mil quilowatts-hora de energia indiferente gerados a cada dia por um rio que não se vê da usina. Dez mil músicas reproduzidas a partir de qualquer instância de uma configuração eletrônica. Em todos esses casos, a técnica opera da mesma forma: limita nosso engajamento com uma coisa a um elemento abstrato que pode ser repetido com cada vez mais facilidade em diferentes suportes, em si cada vez mais acessíveis e menos individuados. O particular é eclipsado pelo universal. Walter Benjamin chamou de “aura” o elemento que se defasa nessas relações, e entusiasmou-se com o potencial revolucionário da sua perda. Heidegger chamou-o de “proximidade”, e lamentou que sua ausência faça o mundo “escurecer-se”. Ainda que os dois pensadores não se comuniquem, e que sua postura frente ao fenômeno seja contrária, sua intuição principal é a mesma — seguindo Katherine Hayles em definir a “virtualidade” como «a percepção cultural de que objetos materiais são interpenetrados por padrões de informação», podemos dizer que, na era da técnica, a coisa se virtualiza.